

O LUGAR DOS HOMENS NA LUTA PELO DIREITO À MORADIA: NOTAS ETNOGRÁFICAS DE UMA OCUPAÇÃO NA REGIÃO PORTUÁRIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO¹

Rolf Malungo de Souza

Em casa que mulher manda, até o galo canta fino.
Provérbio português

Cheguei à ocupação Emiliano Zapata² num sábado, final da manhã, por isso, o **coletivo**^{3,4} estava muito movimentado e o movimento era intenso. Vários moradores estavam fazendo suas atividades: lavando roupa na máquina de lavar; varrendo ou fazendo pequenos reparos; preparando o almoço na cozinha coletiva (na época, não havia cozinhas nos **apartamentos**⁵); e as crianças fazendo brincadeiras: corriam, gritavam etc. Havia um gru-

1 Agradeço as contribuições de Cristhiane Malungo, sem elas, o caminho seria mais complicado.

2 Para preservar a privacidade dos moradores, mudei o nome da ocupação. Essa ocupação está, desde 2016, em um prédio na Região Portuária da cidade do Rio de Janeiro que ficou abandonado por mais de 15 anos.

3 As categorias nativas vão estar em negrito e itálico.

4 Espaço onde os moradores se reúnem para conversar, fazer as refeições e festas, além de ser onde acontecem encontros, assembleias, palestras etc., é a sala de estar dos moradores.

5 Categoria nativa para designar as unidades familiares, que pode ser um ou dois cômodos geminados.

po de universitários que conversava com Zezinho⁶ e Carlinhos⁷ que explicavam como funcionava uma ocupação organizada por movimentos sociais e como se deu a ocupação Emiliano Zapata. A presença dessas pessoas não alterava a rotina dos moradores, que já estavam acostumados com a presença de estudantes, docentes, jornalistas (brasileiros e estrangeiros). Os moradores entravam e saíam, fazendo que, quem estivesse de plantão⁸, não tivesse tempo para ficar sentado e assistir a TV que ficava ligada praticamente 24 horas por dia.

Figura 1 – Conversa com universitários no coletivo



Fonte: Acervo do autor.

6 Todos os nomes neste texto são fictícios. Negro de pele clara, morador da ocupação desde o início da ocupação, tem 40 anos.

7 Branco, também morador da ocupação desde o início da ocupação, tem 35 anos.

8 Um dos deveres dos moradores é *dar um plantão* na portaria. Esse plantão pode ser X horas por dia, por vinte e quatro, de forma que sempre há alguém na portaria para se assegurar que não entre pessoas estranhas à ocupação. A chave de entrada da ocupação fica exclusivamente com quem está de plantão.

Figura 2 – O outro lado do *coletivo*, onde algumas moradoras conversam, enquanto, ao fundo, outras fazem suas atividades domésticas



Fonte: Acervo do autor.

Logo que cheguei, depois de cumprimentar os moradores, me dirigi para onde estava o Manuel⁹. Ele consertava um ventilador que havia encontrado na rua. É costume que, quando morador se deparava com alguma coisa que *servia* (que pudesse ser útil), levava o achado para que pudesse ser reutilizada na *Emiliano*, coisas tais como portas, sanitários, eletrodomésticos – como o ventilador que estava sendo consertado –, encanamentos, além de outras coisas menores, como parafusos, roscas e fio.

9 Branco, 50 e poucos anos. Morou em um morro do centro da cidade. Ficou sem sua casa após um grande deslizamento de terra.

Figura 3 – Manuel consertando o ventilador

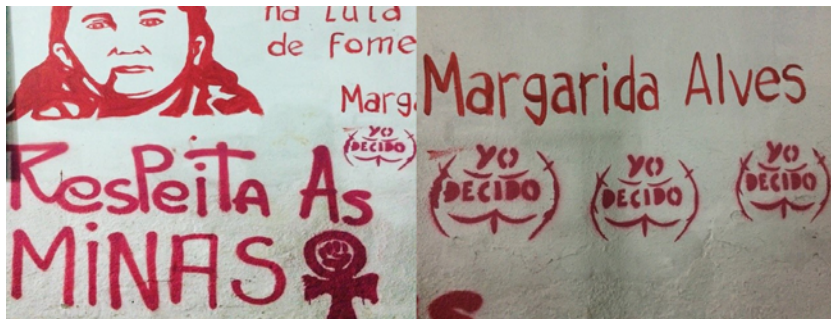


Fonte: Arquivo da cinegrafista Émilie B. Guérette.

A “oficina” de Manuel fica próximo à mesa onde os moradores fazem suas refeições, onde acontecem as reuniões semanais, são feitas as assembleias e se discutem as decisões sobre os caminhos da ocupação. Para a *Aliança* o ideal é que haja pelo menos um representante maior de idade de cada família em cada assembleia. Começamos a conversar amenidades, sobre como foi a semana, quais as novidades, quem eram os visitantes e coisas assim. Enquanto ele limpava uma das ferramentas na pia da cozinha, comecei a ler, pela enésima vez, os cartazes e grafites que estavam em quase todas as paredes da ocupação, onde estavam escritas várias mensagens contra o sexismo, *Machismo mata!*, *Lavar a louça não vai diminuir a sua masculinidade*, *Respeite as minas!*, *Yo decido!* (desenhado em um dorso feminino), entre outros. Enquanto eu lia, percebi que Manuel havia retornado e me observava sorrindo, aproveitei a “deixa” para perguntar o que

ele achava daqueles cartazes e mensagens. Enquanto voltava ao concerto, ele disse que achava importante aqueles *avisos*.

Figura 4 – Várias mensagens contra o sexismo



Fonte: *Avisos* na parede da Ocupação Emiliano Zapata.

– Antes muitos homens na *Emiliano* – dizia ele – tinham comportamento machista, não deixavam as mulheres falar, queriam impor sua vontade, nas reuniões sempre tinha problema com a lideranças [do movimento social] que sempre fala sobre o direito das mulheres, do respeito à fala de cada uma das pessoas. Sempre dava problema e eram sempre os mesmos cara – falando mais baixo e olhando para os lados. Esses lembretes são importantes para tentar conscientizar os homens e mulheres da *Emiliano* – falava como quem repete uma frase que ouviu muitas vezes.

Pegando um pincel e embebendo em um pouco de gasolina e continuou:

– Aqui a gente faz oficinas que nos ensinam como a gente deve se comportar com as mulheres [...] – mudando o tom, mais falando mais baixo – se falar bobagem tem sempre alguém pra chamar a atenção da gente. Eu perguntei:

– Você já tinha tido esse tipo de informação antes de morar em uma ocupação?

– Não, nunca tive. Morar em ocupação é uma coisa muito diferente [...]. Quando eu morava no morro [do Sal-

gueiro], cada um vivia na sua vida. Você fechava a porta e o que acontecia lá dentro da casa, era problema do casal. Quando você mora em uma ocupação, muda todo [...] você fica sem privacidade. Aqui você convive com tudo que é tipo de gente. É como morar em uma casa com vários quartos de parede fina.

– Aqui gente não manda em nada, tudo é o movimento, as lideranças, a gente fica meio sem voz ativa. Ele olha para os lados, se curva na minha direção e fala mais baixo: – No começo, estranhei um pouco [...] tinha esse pessoal esquisito (risos) – um pessoal extravagante. Mulher falando grosso e homem falando fino. Eu não tenho nada contra, mas eu não convivia. No começo eu estranhei, mas com o dia a dia, a gente acaba se acostumando, mas se bobear, a gente acaba falando fino também! – As oficinas ajudaram nessa convivência? Perguntei. – Sim! Muito! Eu fui aprendendo que cada um tem a sua opção, cada um vive na sua, mas sempre coletivamente, mas tem morador que não aceita e isso, às vezes, dá problema. Outro dia, João¹⁰ fez um comentário quando o Jorguinho¹¹ passou, ele fez de conta que não ouviu, mas a Angela viu e botou a boca no trombone [...] deu a maior merda (rindo), desceu todo mundo, as mulheres falavam botavam o dedo na cara dele, dizendo que ele não podia discriminar uma pessoa porque ela é gay, principalmente sendo morador. Ele estava transtornado, os olhos estavam arregalados, se ele pudesse, pulava em cima, mas aqui, [...] homem está sempre errado. Nem adianta discutir, é melhor ficar calado ou falar baixo, ficar pelos cantos!

Esse diálogo aconteceu quando a ocupação tinha pouco mais de dois anos, ainda havia apartamentos vazios. Por esse motivo, novos moradores estavam chegando. Essas pessoas também eram

10 Negro passou a morar na Emiliano Zapata dois anos depois de sua ocupação. Tem 52, trabalhava na área de hotelaria, atualmente está desempregado.

11 Branco mora na ocupação desde seu início. Tem 28 anos e trabalha no comércio. É assumidamente gay, seu namorado vai com frequência visitá-lo.

informadas sobre as regras para fazer parte da ocupação, regras que, para muitos, seriam draconianas: não se pode consumir bebida alcoólica ou drogas no interior da ocupação e não pode entrar estando visivelmente embriagado; a entrada e a saída devem ser informadas; dar um plantão na portaria, pelo menos uma vez por semana; entre outras. Além disso, o comportamento pessoal também é regulado por regras de convivência que interferem nas relações familiares, tais como, as pessoas responsáveis por menores têm que mantê-los na escola e com as carteiras de vacina em dia, as relações conjugais também são mediadas por essas mesmas regras: qualquer briga de casal é “monitorada” atentamente, colocando o companheiro “sob observação” pelas lideranças.

Durante o bate-papo, quando só estavam os moradores e as pessoas de sua confiança (como este que vos escreve), é costume que sejam contadas histórias de outras ocupações por quem já morou ou ajudou a organizar uma ocupação. Essas conversas nem sempre são apenas uma conversa descontraída, mas um momento pedagógico, quando são transmitidas experiências exitosas e as que fracassaram. As pessoas que se destacaram, as estratégias utilizadas, os enfrentamentos com a polícia etc.; contudo, as situações negativas também são lembradas. Uma delas, que ouvi várias vezes, foi uma vez que um marido agressor que agia silenciosamente até ser descoberto e expulso da ocupação, não antes de ser espancado por um grupo de mulheres que também morava lá.

Duas semanas depois desse encontro, numa sexta-feira à tarde, por volta das 16h00, conversávamos durante o café da tarde, momento em que quem está na ocupação vêm para o *coletivo* para tomar café e comer o pão, que é comprado no padeiro que passa sempre nesse horário, havia umas oito pessoas na mesa,

contando comigo. Eu me juntei ao grupo na mesa e começamos a conversa. A conversa girava em torno de uma oficina que aconteceu no sábado anterior. Essa oficina era sobre como escrever uma proposta para projetos para instituições de apoio e fomentos voltados para as mulheres que abriria um edital em breve.

Pedro¹², que é casado com Mariana¹³, perguntava o porquê de:

– Nos movimentos sociais, tudo ou quase tudo é voltado para as mulheres? Não vemos nada pros homens! Tudo é para as mulheres, só pra elas [...]? Quando é bruscamente interrompido por sua esposa: – E é mesmo! Sempre foi tudo pra vocês, agora é a nossa vez! Morar em ocupação é assim, pensei que você soubesse disso! Se não gostou, é só sair da ocupação, aqui é tudo nosso, tudo para as mulheres! Finalizou rindo com as outras mulheres e alguns homens. Pedro ficou sério.

Nessas ocupações, a prioridade segue uma ordem: mulheres sem companheiros e filhos, mulheres com companheiros com filhos e idosos; depois mulheres sem companheiros ou companheiras e, por último, homens sem companheiros ou companheiras. Em outras palavras, a prioridade são as mulheres, seja com ou sem filhos, com ou sem companheiros ou companheiras. Essa prioridade se dá em quase todas das relações que se estabelece nas ocupações organizadas pelos movimentos sociais. Senão, vejamos. O Estatuto Social da Aliança Brasileira pelo Direito à Moradia (Aliança)¹⁴ diz no seu Art. 41:

12 Negro, casado com Mariana há mais de vinte anos. Ambos moram na Emilia-no Zapata desde sua ocupação. 56 anos, antigo ginásial incompleto.

13 Negra, 52 anos, ensino médio concluído em um supletivo à noite.

14 O nome do movimento foi trocado.

Compete ao 1º Coordenador de Relações de Gênero: I – Combater no âmbito da Entidade ou fora dela toda forma de preconceito ou discriminação sexista e machista; II – Organizar e mobilizar a Entidade na *luta contra o machismo, violência contra as mulheres*, crianças e adolescentes, ou qualquer forma de discriminação (grifo nosso).

No Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV)¹⁵, programa do Governo Federal para famílias de baixa renda, nessa mesma perspectiva, as mulheres são prioridade. A Lei nº 11.977, de 07 de julho de 2009, tem na seção VII “Disposições Complementares”, o Art. 35 e Art. 35A:

Os contratos e registros efetivados no âmbito do PMCMV serão formalizados, *preferencialmente, em nome da mulher*.

Nas hipóteses de dissolução de união estável, separação ou divórcio, o título de propriedade do imóvel adquirido no âmbito do Programa Minha Casa Minha Vida, na constância do casamento ou da união estável, com subvenções oriundas de recursos do orçamento geral da União, do FAR e do FDS, *será registrado em nome da mulher ou a ela transferido, independentemente do regime de bens aplicável*, excetuados os casos que envolvam recursos do FGTS (Brasil, 2009, grifo nosso).

Tanto a *Aliança*, quanto o Programa Minha Casa Minha Vida têm discursos semelhantes sobre a moradia no diz respeito

15 O Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV) foi um programa de habitação federal do Brasil criado em março de 2009 pelo governo Lula. O PMCMV subsidia a aquisição da casa ou apartamento próprio para famílias com renda até 1,8 mil reais e facilita as condições de acesso ao imóvel para famílias com renda até de 9 mil. Em 2018, a Caixa Econômica Federal informou que 14,7 milhões de pessoas compraram um imóvel com o programa (7% da população brasileira). No dia 12 de janeiro de 2021, entrou em vigência a Lei nº 14.118, a qual instituiu o Programa Casa Verde e Amarela, cujo objetivo é reformular e ampliar o PMCMV.

ao gênero: a prioridade são as mulheres, com ou sem filhos e, em caso de separação, os filhos costumam ficar com suas mães. Dessa forma, a casa seria uma segurança para a mulher, em especial, se ela tiver filhos; contudo, essa matrifocalidade não significa que o poder nessa moradia seja feminino, dessa forma, essa situação faz com que a mulher passe a ser eixo da família, fazendo que as relações entre os cônjuges sejam potencialmente tensas. Segundo Parry Scott:

[...] [o] termo matrifocalidade identifica uma complexa teia de relações montadas a partir do grupo doméstico onde, *mesmo na presença do homem na casa, é favorecido o lado feminino do grupo*. Isto se traduz em: Relações mãe-filho mais solidárias que relações pai-filho, escolha de residência, identificação de parentes conhecidos, trocas de favores e bens, visitas etc., todos mais fortes pelo lado feminino; e também na provável existência de manifestações culturais e religiosas que destacam o papel feminino (Scott, 2011, p. 157, grifo nosso).

No caso da moradia do Programa Minha Casa Minha Vida, a propriedade é garantida à mulher, organizada por um movimento social, como é a Emiliano Zapata, a solidariedade é ao *lado feminino do grupo*, vai mais além no empoderamento das mulheres. Elas são estimuladas a participar de oficinas sobre relações de gênero, como fazer propostas para agências de fomentos que investem no empoderamento e no protagonismo feminino, além de qualificação para atuarem na construção civil (alvenaria, hidráulica, elétrica). Essas oficinas de formação não excluem os homens, mas há um estímulo maior para que elas participem da conquistar de sua autonomia, talvez por isso eles não costumam participar.

Essa situação, que privilegia as mulheres e as crianças em uma moradia, é uma síntese do conceito de matrifocalidade, isso não significa que esta moradia seja chefiada por mulheres (Scott, 2011,

p. 157); contudo, na *Emiliano* se deseja que a matrifocalidade seja sinônimo de chefia. Como vimos, as atividades desenvolvidas são para as mulheres se tornarem *senhoras de si*, que não dependam de seus companheiros. Mas o que tudo significa para os homens?

Cabe antes dizer que tentar compreender os significados e práticas do *ponto de vida do nativo*, não quer dizer que concordar ou não com essas práticas, significa olhar de forma o mais objetiva possível, exatamente, quais seus valores através das performances de seus agentes no seu contexto. Dessa forma, ao tentar compreender o papel, ou a ausência dele, de homens da classe popular e a maioria negros, não é sob hipótese alguma tentar “restituir a ordem das coisas”, mas tentar trazer para o debate sobre as relações de gênero nas discussões sobre direito à moradia que, na minha opinião, ao lado da questão ambiental são urgentes.

Há uma vasta bibliografia que demonstra que ser provedor é um dos quesitos fundamentais para a construção da identidade masculina (Almeida, 1995; Fonseca, 2000; Souza, 2010; Gutmann, 2017; entre outros). Esse é um dos grandes dilemas de homens das classes trabalhadoras, a precariedade da sua condição econômica que faz que o ideal masculino seja algo cada vez mais distante. A maioria dos homens moradores da ocupação Emiliano Zapata vive em situação de desemprego ou subemprego, mesmo os que têm uma atividade regular, ela é de baixa remuneração. Eles são camelôs, biscateiros, e os que têm atividades mais estáveis são os que trabalham em bares ou padarias. Os poucos que têm a situação um pouco mais estável são os aposentados, esses, por estarem livres do aluguel e despesas com água e luz, tiveram um aumento nos seus rendimentos; mas, para a maioria, essa instabilidade se torna humilhante para eles, assim sendo: “a pobreza, a incerteza do ganho e o desemprego seriam cúmplices predominantes fa-

vorecendo a ocorrência de famílias matrifocais” (Scott, 2011, p. 158), que se intensifica com ações promovidas pela *Aliança*.

Se por um lado, como já vimos, as mulheres, crianças e pessoas LGBTQIA+ são para as atenções e os escassos recursos prioridade do movimento social, por outro lado, os homens identificados como heterossexuais ficam relegados a um segundo plano. Para Nolasco: “*a representação social da masculinidade que aparece nos estudos de gênero [em alguns movimentos sociais] é aquela que retém as características do mundo tradicional que deve ser combatido*” (Nolasco, 2001, p. 47, grifo nosso). Dessa forma, os homens são vistos como se a masculinidade fosse um monobloco, ignorando que entre os homens há hierarquias, de acordo com sua classe, origem regional, raça, religião e orientação sexual, assim, eles não compartilham uniformemente o poder.

A situação dos homens que moram na *Emiliano* é semelhante à situação de outros homens da classe trabalhadora, precarizados, subempregados e desempregados, logo eles não compartilham o poder e privilégios que outros homens da burguesia desfrutam. Embora compartilhem valores do poder hegemônico, tais como o machismo, racismo, lgbtqifobia, não os isenta das responsabilidades de seus atos; contudo, eles estão longe de uma masculinidade hegemônica (Connell, 1995), não podem ser confundidos com aqueles que, de fato, detêm o poder e “não compreender essas diversidades empobrece as análises das relações de poder entre homens e mulheres e entre os próprios homens” (Souza, 2010, p. 26).

Essa suposta fraternidade universal entre homens é fruto de uma ideologia que pretende criar uma falsa ideia de que todos os homens são iguais nas relações de poder, sendo todos superiores às mulheres e a outros homens identificados subalternos, não os

deixando ver claramente as relações opressoras a que eles também estão sujeitos. Assim, caberia um processo, uma pedagogia, que de fato mostrasse para os homens moradores da ocupação Emilianio Zapata novas relações de gênero em que ambos, homens e mulheres, sejam protagonistas na luta pelo direito à moradia, que não é somente uma luta daquela ocupação, pois lutar por moradia digna é mais do que ter um teto e quatro paredes de uma casa, é lutar por um direito humano!

Referências

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

BRASIL. Lei nº 11.977, de 7 de julho de 2009. Dispõe sobre o Programa Minha Casa, Minha Vida – PMCMV e a regularização fundiária de assentamentos localizados em áreas urbanas. Diário Oficial da União: seção I, Brasília, DF, ano CXLVI, n. 128, p. 2-4, 8 jul. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111977.htm. Acesso em: 20 out. 2024.

CONNELL, Robert. W. *Masculinities*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1995.

FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRS, 2000.

GUTMANN, Matthew. *Os significados em ser homem em uma colônia popular na Cidade do México*. Niterói: CEAD/UFF, 2017.

NOLASCO, Sócrates. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

SCOTT, R. Parry. *Famílias brasileiras: poderes, desigualdades e solidariedades*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

SCOTT, R. Parry. Quase adulta, quase velha: porque antecipar as fases do ciclo vital?. *Interface: Comunicação, saúde, educação*, São Paulo, v. 5, n. 8, p. 61-72, 2001.

SOUZA, Rolf Malungo de. *O lazer agonístico: como se aprende o que significa ser homem num bar de um bairro suburbano*. 2010. 191 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Curso de Pós-graduação em Antropologia, Departamento em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.